

## APRESENTAÇÃO

Vol. 09, n.º II, ago. /dez. 2025, publicado em 16 de janeiro de 2026.

Dossiê “Antropologias e Arqueologias do Extraordinário: interagências de encantados, visagens e alteridades outras-que-humanas”.

Por muito tempo, a Antropologia e a Arqueologia lidaram com o extraordinário descrito pelo ‘outro’ (essa figura símbolo de alteridade) como ‘simbólico’ (Evans-Pritchard, 2015). Perspectivas mais recentes têm mudado essa abordagem teórica, aproximando-nos de lugares e alteridades que avizinharam, rompem, subvertem ou medeiam o cotidiano. Tomando como exemplo a Amazônia, pesquisadores como Galvão (1955) e Leite (2014) se dedicaram a investigar distintas localidades, paisagens e coisas emaranhadas em redes de relações a alteridades outras-que-humanas (Correia; Vander Velden; Rocha, 2023). Assim, a complexidade dos vínculos estabelecidos evoca e reverbera as singularidades que envolvem a presença e a habitação de tais agentes, que transformam as paisagens e diversificam os modos pelos quais as pessoas estabelecem relações com elas (Gomes, 2021).

Processos coloniais e de intensa urbanização (Vasconcelos, 2022) tendem a diminuir o convívio multiespécie e demais contatos sensíveis com mundos-outros, o que pode fazer com que o mundo pareça, enganosamente, um espelho da agência humana ou um subproduto do ‘povo da mercadoria’ (Kopenawa; Albert, 2015). Em *O Futuro Ancestral*, Ailton Krenak (2022) nos incita a “reflorestar o nosso imaginário e, assim, quem sabe, a gente consiga se reaproximar de uma poética de urbanidade que devolva a potência da vida” (Krenak, 2022, posição 357). Guiados por essa máxima, convidamos pesquisadoras e pesquisadores a se juntarem, neste dossiê, para uma jornada por mundos urbanos e não urbanos, suscitando sensibilidades que apresentem caminhos teóricos diante das dimensões ordinárias e extraordinárias, permitindo-nos permear, construir, transformar, agir e, assim, reflorestar os nossos imaginários.

Ana Tsing (2019), ao olhar para as paisagens-mais-que-humanas que existem no mundo, complexifica os debates partindo de uma “descrição crítica”, buscando “emaranhar” (Ingold, 2012), através de múltiplas escalas, etnografias multiespécies que contemplam o imaginário, o simbólico e a poética para além das teorias. No Brasil, trabalhos como os de Jurema Souza (2024), Jaqueline Gomes (2021, 2022) e Maués (2006; Maués; Villacorta, 2001) incorporam ou até mesmo precedem essa proposta, observando como interagências (Despret, 2013) outras-que-humanas moldam não apenas a relação

das pessoas com o espaço e as paisagens, mas também do espaço e das coisas em si, de forma independente da humanidade.

Isto posto, neste dossiê da revista *Caderno 4 Campos*, buscamos reunir pesquisas que margeiam a Antropologia, a Arqueologia e estudos sobre materialidades, alteridades e sensibilidades, interessadas nas interagências — com pessoas e/ou paisagens — de encantados, visagens, santos, misuras, mal-assombros e todas as diversas qualidades de seres outros-que-humanos capazes de agência e promoção de afetos, afetações (Pellini, 2018), etc. Ainda, o dossiê conta com interlocuções e contribuições sobre urbanidades, ruralidades, sociabilidades, processos-rituais em diversos cenários e formas de habitar e/ou se relacionar com o mundo, condutas, estilos de produção e práticas desses agentes sensíveis nas materialidades e na vida vivida (Certeau, 1998), que são de suma importância para este número, possibilitando-nos apreender os modos de ser, pensar e agir com tais alteridades.

Partindo dos mundos outros interpelados pela morte, pelos mortos e pelo morrer, o texto *Autenticar-se diante dos mortos: corpo, verdade e subjetividade entre os Canela*, de George Lucas da Silva dos Santos, reflete os modos de constituição da subjetividade entre os Ramkokamekrá-Canela, destacando como as práticas como resguardos alimentares e sexuais, rituais de iniciação e disciplina ética cotidiana são analisadas como técnicas pelas quais o corpo se torna verdadeiro, ou seja, reconhecido como legítimo e eficaz no interior de uma cosmologia indígena. O artigo destaca o papel dos *mekarõ* (espíritos dos mortos) como alteridades perigosas que colocam à prova a integridade corporal do sujeito, explicitando como, através de determinadas práticas, o corpo é moldado como superfície de inscrição ética e ritual indígena.

Weverson Bezerra Silva, no artigo ‘*Era apenas uma criança para morrer assim*’: a devoção à santa popular Maria de Lourdes no Cemitério do Varadouro, analisa, enquanto antropólogo, a devoção popular à figura de Maria de Lourdes, menina considerada santa por devotos que frequentam o Cemitério Senhor da Boa Sentença, em João Pessoa (PB). O autor busca compreender de que maneira a memória de sua morte, associada à infância e à ideia de pureza, contribui para sua santificação popular no imaginário coletivo, articulando sua análise nos estudos sobre santidade popular, memória coletiva e eficácia simbólica, evidenciando como espaços cemiteriais se tornam também espaços da vida vivida, fé e práticas rituais simbólicas, além de percepção da agência dos mortos e os modos populares de elaboração do sofrimento diante da milagreira.

Buscando evidenciar, através da Antropologia das Emoções, as sociabilidades e afetos vividos numa cidade cemiterial do Maranhão, Felipe Magno Silva Pires, no texto *O lugar dos vivos e dos mortos: etnografia da memória e do afeto no Cemitério do Gavião, em São Luís do*

*Maranhão*, narra as memórias coletivas construídas e partilhadas no Cemitério do Gavião. O autor descreve como o lugar, que foi cenário para uma comunidade de afetos tecidos ao longo da infância, resguarda a relação com os mortos, com o cemitério, as aventuras e os desafios travados nas brincadeiras como parte fundamental da teia dessas relações. Marcos Winício de Sousa resgata, ancorado nos debates das Ciências Humanas e Sociais, as narrativas e construções imaginárias em torno do fenômeno da morte em personagens vistos como invulneráveis em *O corpo fechado no Norte de Minas Gerais: narrativas de invulnerabilidade à morte*. A crença, comum no Norte de Minas Gerais, agencia a proteção espiritual, dentre outras práticas rituais, que influenciam a organização social e a forma como certas pessoas eram vistas na região, destacando as histórias orais e literaturas que se debruçaram sobre as figuras de Antônio Dó, o Padre da Bala de Ouro, Laurêncio Canaveira e o Coronel Horácio de Matos.

Sabrina Campos Costa e Giulia G. Tobias Furtado, em *Sítio arqueológico Cemitério da Soledade: o lugar e o outro mundo*, balanceiam passado, presente, historiografia, arqueologia e antropologia, num esforço que nos faz repensar o que seria parte de um sítio arqueológico. Trabalham com a parte viva de um cemitério, mas isto, longe de ser uma contradição, é um enriquecimento, uma virada de perspectiva que nos ajuda a adentrar nas histórias vividas e atividades cotidianas de um ambiente, para nós, quase sempre extraordinário. A conclusão destaca a importância de ações de educação continuadas e ocupação reiterada de patrimônios culturais, mostrando transformações possíveis quando se tem uma Educação Patrimonial bem executada.

O debate se estende para pensar alteridades outras-que-humanas em lugares e religiosidades. Em *Um lugar visageiro: notas para um mapa etnográfico no centro histórico de São Luís (Maranhão)*, Gabriela Lages Gonçalves revisita um campo que lhe é familiar ao mesmo tempo que ainda guarda muitas surpresas. Costura, por meio da experiência, uma perspectiva diacrônica e discute a miríade de formas pelas quais as visagens se manifestam e como isso se relaciona com os sentidos e as vivências. Passando desde casos históricos até mudanças de quando iniciou, pela primeira vez, seu trabalho de campo e o presente, conclui com uma noção de sujeição, agência e memória das paisagens, em que a antropóloga, intencionalmente ou não, tece uma bela discussão com a Arqueologia.

Nico Gerhardt dos Santos, por sua vez, traz uma interessante documentação em *Entre Cordéis e Encantados: interagências e hibridismos no paganismo piaga*. Há um certo, e justificado, viés na Antropologia com tradições e comunidades que por vezes chamamos de ‘tradicionalis’, de estruturas (balanços e impactos) bastante estabelecidas no tecido social, ancoradas por raízes de ancestralidade profunda. Por isso é interessante, como contraste, quando assuntos que carregam o prefixo *neo* são levantados. As reflexões e textos angariados pelo autor criam uma janela que nos permite observar as primeiras

etapas, geralmente difusas, de movimentos culturais. É um relato de como uma vertente neopagã, no Piauí, busca referências em uma diversidade de ancestralidades, mas, ao implementá-las na literatura, as regionaliza, o que pode nos ajudar a pensar como certas raízes são plantadas.

*Saberes Etnofarmacobotânicos e Práticas de Cura na Umbanda: um estudo da medicina popular (Folk Medicine) no município de São Miguel do Guamá, Amazônia Paraense*, de autoria de Francisco Diego Sousa de Sousa, Jairo Luiz Santo Rego, Milton Ribeiro e Ariana Kelly Leandra Silva da Silva, traz pontes bem construídas (em estilo e conteúdo) entre o conhecimento tradicional e o conhecimento acadêmico. Documentando e sistematizando as plantas medicinais utilizadas na Casa de Umbanda Terreiro Mina Nagô de Iansã e Xangô, suas eficácia “químicas e simbólicas” não agem de modo a reduzir, mas a elevar ambos os sistemas de conhecimento. Os autores mostram como em ambientes de vulnerabilidade social, tanto urbanos (como o contexto pesquisado) quanto rurais (como nos exemplos bibliográficos), a *Folk Medicine* é um importante tratamento complementar que dá um sentido não apenas racional à enfermidade, mas também psicológico, além dos patamares simbólicos, cosmológicos e, acrescentamos, sociais.

*Tecituras do habitar: encontros e existências nos quilombos de Laranjal e Cambambi-MT*, de Nayara Marcella Ferreira da Silva, é um texto inspirador, que não diz: mostra. A autora não fala explicitamente da importância da sensorialidade, mas encaixa os sentidos em cada descrição. Não faz grandes discursos sobre o equilíbrio do quanto o antropólogo se coloca no texto; sobre como expor as relações sociais com a comunidade; nem sobre a necessidade de lembrar que interlocutores, mais do que parte da comunidade, são sujeitos, cada qual com sua particularidade e olhar. Não diz, mas mostra como enaltecer cada um desses pontos, sem esquecer do protagonista dessa história: o Cerrado e como este é capaz de emaranhar a vida de humanos e não humanos. Tão pulsante que cremos que o próprio texto, ao seu modo, deva ser encantado.

*Um católico ao seu modo: as práticas de feitiçaria de Manuel Pacheco de Madureira (1765-1766)*, de Júlio Cézar Ruela Gama, nos faz mergulhar na Belém do século XVIII, apresentando de maneira vívida, a partir de uma abordagem orientada pela micro-história, um personagem histórico que em sua vida encapsulou dialécticas que ainda nos são contemporâneas. Manuel Pacheco de Madureira, um homem católico que buscou em orações ensinadas por um “indígena forasteiro” pedir o retorno de sua amada. Afogado em culpa pelo suposto pecado, foi por vontade própria ao tribunal da inquisição regional confessar-se. O caso de Madureira levanta diálogos e nos ajuda a entender relações e dialécticas da religiosidade amazônica que ecoam até hoje. Em um relato muito trabalhado com teoria e discussões clássicas e regionais, Gama transforma uma “existência-relâmpago” de Madureira numa história instigante.

E por fim, mas não menos importante, o ensaio visual *Às Margens de Mundos Outros: entre mortos e encantados*, dos organizadores deste dossiê, Elisa Rodrigues e Gabriel Rodrigues, propõe-se a apreender, através das imagens, os modos de existir em mundos outros, às margens, mas também no centro — do rio, da mata, da cidade, do imaginário, da vida e da morte. As imagens mostram fragmentos da jornada dos autores, que levaram até a organização deste dossiê, informando sobre os processos de afetação (Favret-Saada, 2005) aos quais as paisagens nos submetem e guiam, às vezes de forma ‘invisível’ ou encantada, nossos caminhos e trabalhos.

Esperamos que o dossiê abra uma via, dentre tantas outras, para o adensamento crítico das reflexões antropológicas e arqueológicas sobre o extraordinário, entendendo-o não como resíduo do irracional ou do folclórico, mas como campo ativo de produção de mundos, relações e inteligibilidades. Ao reunir pesquisas que tomam encantados, visagens e alteridades outras-que-humanas como agentes situados em redes complexas de interagência, o dossiê propõe deslocamentos teóricos e metodológicos que tensionam fronteiras ontológicas. Trata-se, assim, de afirmar a potência analítica dessas presenças na compreensão das experiências sociais, das materialidades sensíveis, das memórias, dos emaranhamentos e das relações, convidando o leitor a reconhecer que o extraordinário, longe de ser exceção, constitui uma dimensão constitutiva das formas plurais de habitar e narrar o(s) mundo(s).

Boa leitura!

Elisa Gonçalves Rodrigues<sup>1</sup>

Gabriel Rodrigues<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Doutoranda e Mestra em Sociologia e Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA) da Universidade Federal do Pará (UFPA); Graduada em Ciências Sociais (UFPA). E-mail: elisagoncalves00@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7309-0404>.

<sup>2</sup> Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA) da Universidade Federal do Pará (UFPA), com área de concentração em Arqueologia; Graduado em Antropologia com habilitação em Arqueologia (UFMG). E-mail: gabriel1rodrigues2@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-5746-2233>.

## REFERÊNCIAS

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1998.

CORREIA, Heloisa Helena Siqueira; VANDER VELDEN, Felipe; ROCHA, Hélio Rodrigues da (org.). **Humanos e outros que humanos nas narrativas amazônicas**: perspectivas literárias e antropológicas sobre saberes ecológicos, tradicionais, estéticos e críticos. 1. ed. São Carlos, SP: Editora de Castro, 2023.

DESPRET, Vinciane. From secret agents to interagency. **History and Theory**, Malden, v. 52, n. 4, p. 29-44, 2013. Disponível em: <http://www.vincianedespret.be/papers/from-secret-agents-to-interagency/>. Acesso em: 20 nov. 2024.

EVANS-PRITCHARD, Edward Evan. **Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande**. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

FAVRET-SAADA, Jeanne. “Ser afetado”, de Jeanne Favret-Saada. **Cadernos de Campo**, São Paulo, v. 13, n. 13, p. 155-161, 2005. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v13i13p155-161>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/50263>. Acesso em: 7 maio 2024.

GALVÃO, Eduardo. **Santos e visagens**: um estudo da vida religiosa de Itá, Amazonas. 1. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1955. Disponível em: <https://bdor.sibi.ufrj.br/handle/doc/56>. Acesso em: 25 set. 2023.

GOMES, Jaqueline. Desvios e encantados: uma outra arqueologia da paisagem na Amazônia. **Revista de Arqueologia**, [s. l.], v. 34, n. 2, p. 61–73, 2021. Disponível em: <https://revista.sabnet.org/ojs/index.php/sab/article/view/826>. Acesso em: 3 jul. 2024.

GOMES, Jaqueline. **Lugares-tempo no Lago Amanã**: paisagens arqueológicas e habitabilidades ribeirinhas. 2022. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/50246>. Acesso em: 30 jul. 2024.

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 18, n. 37, p. 25–44, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-71832012000100002>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/JRMDwSmzv4Cm9m9fTbLSBMs/?lang=pt>. Acesso em: 22 jul. 2024.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu**: palavras de um xamã yanomami. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KRENAK, Ailton. **Futuro ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022. *E-book*.

LEITE, Lúcio Flávio Siqueira Costa. “**Pedaços de pote**”, “**bonecos de barro**” e “**encantados**” em **Laranjal do Maracá, Mazagão – Amapá**: perspectivas para uma Arqueologia Pública na Amazônia. 2014. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal do Pará, Belém, 2014. Disponível em:

[https://ppga.propesp.ufpa.br/ARQUIVOS/dissertacoes/LucioCostaLeite%20\(Dissertacao\\_de\\_Mestrado\)%20revisada.PDF](https://ppga.propesp.ufpa.br/ARQUIVOS/dissertacoes/LucioCostaLeite%20(Dissertacao_de_Mestrado)%20revisada.PDF). Acesso em: 2 mar. 2024.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. O simbolismo e o boto na Amazônia: religiosidade, religião, identidade. **História Oral**, [s. l.], v. 9, n. 1, p. 11–28, 2006. DOI:

<https://doi.org/10.51880/ho.v9i1.187>. Disponível em:

<https://www.revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/187/191>. Acesso em: 13 maio 2024.

MAUÉS, Raymundo Heraldo; VILLACORTA, Gisela Macambira. Pajelança e Encantaria Amazônica. *In: PRANDI, Reginaldo (org.). Encantaria Brasileira: o livro dos mestres, caboclos e encantados*. Rio de Janeiro: Pallas, 2001. p. 11–58.

PELLINI, José Roberto. Archaeology of affection. *In: Encyclopedia of Global Archaeology*. Cham: Springer, 2018.

SOUZA, Jurema. Notas sobre luta, encantados e o povo Pataxó Hâhâhâi. **Argumentos**: Revista do Departamento de Ciências Sociais da Unimontes, Montes Claros, v. 21, n. 1, p. 279–300, 2024. DOI: <https://doi.org/10.46551/issn.2527-2551v21n1p.279-300>. Disponível em:

<https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/argumentos/article/view/7551>. Acesso em: 27 nov. 2024.

TSING, Anna. **Viver nas ruínas**: paisagens multiespécie do Antropoceno. Brasília: Devos, 2019.

VASCONCELOS, Kauã. Fuga das linhas: extinção e afastamento no convívio com os encantados na Ilha de Marajó. **Amazônica**: Revista de Antropologia, Belém, v. 14, n. 2, p. 254–268, 2022. DOI: <https://doi.org/10.18542/amazonica.v14i2.11905>. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/amazonica/article/view/11905>. Acesso em: 14 maio 2024.

## Agradecimentos

Ao Grupo de Estudos e Pesquisa em Antropologia da Morte (GEAM). Aos amigos e pares de pesquisa que divulgaram, apoiaram e deram suporte em todas as etapas desta jornada. A todos aqueles, participantes, interlocutores, sujeitos, de ricas vidas, que tornam nossos trabalhos possíveis.